

NARRATIVAS DE PROFESSORES INICIANTE COMO POSSIBILIDADE DE REFLEXÃO DAS EXPERIÊNCIAS NOS PROCESSOS DE INSERÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE

Flaviane Coutinho Neves Americano Rego¹
Helena Amaral da Fontoura²

RESUMO

Este artigo objetiva socializar achados de uma pesquisa de Mestrado em Educação realizada a partir da colaboração de cinco professores de uma escola da Educação Básica do Município de Maricá ao narrarem suas experiências de inserção e socialização profissional docente quando iniciantes. O conceito de experiência, com base nas contribuições de Josso, tem como cerne a transformação do sujeito mediante tomada de decisão a partir da reflexividade. Apostamos nas narrativas por constituírem uma relação afetiva com a formação, ao narrar suas histórias, os participantes deixaram emergir o que os constitui professores, possibilitando repensar suas trajetórias de vida e de formação, refletir sobre práticas em um movimento de transformação. A tematização de Fontoura foi a estratégia utilizada para análise das narrativas. As principais contribuições do estudo foram refletir e compreender processos de formação de professores iniciantes, a construção da identidade profissional docente e a aparição do ser-sujeito de formação em seus diversos registros, psicossomáticos, sociológicos, emocionais, culturais e políticos.

Palavras-chave: Inserção profissional docente, Professor iniciante, Socialização profissional docente, Narrativas, Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é fruto de um recorte de uma pesquisa de Mestrado em Educação e tem como objetivo socializar narrativas sobre processos de inserção e socialização profissional docente de cinco professores da rede municipal de Maricá/ RJ, quando iniciantes. À luz de Josso (2010), a pesquisa indaga se as experiências vivenciadas no dia a dia da escola colaboraram para a construção dos professores enquanto docentes. Narrativas, para Josso (2010) e Passeggi (2016), estabelecem uma estreita ligação com a formação de professores, pois potencializam a inventividade e são dispositivos de formação, considerando que as experiências narradas tratam de saberes que mobilizam a produção e a exposição do conhecimento.

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Processos Formativos e Desigualdades Sociais Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro FFP-UERJ, flavicoutinho@hotmail.com

² Professora orientadora: Professora Titular da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro FFP-UERJ, helenafontoura@gmail.com

Ao aprofundar o tema da profissionalização, cabe destacar que o primeiro período do ciclo profissional docente trata da etapa da inserção profissional dos professores iniciantes, sendo um período de suma importância para o seu desenvolvimento. Analisar as trajetórias de formação possibilita entrelaçamentos de práticas cotidianas, de fazeres e saberes, de entendimento de si e da ação, em dimensões individuais e coletivas, contextualizadas na realidade vivida. (FONTOURA, 2019).

Para Josso (2010), experiências são vivências particulares dos sujeitos e à medida que estes são capazes de refletir sobre o que se passou e sobre o que foi percebido, há transformação. A autora também ressalta que a experiência implica o ser humano na sua globalidade de ser psicossomático e sociocultural, comporta as dimensões sensíveis, afetivas e conscienciais. Acrescenta ainda que “todas as experiências são vivências, mas nem todas as vivências tornam-se experiências.” (p.137).

Autores como Huberman (2000), Tardif (2014) e André (2018) apontam a pertinência da análise de elementos que constituem o primeiro ciclo do magistério, sinalizando ser esta uma fase importante do desenvolvimento profissional docente. André (2018) salienta que os principiantes precisam de apoio e orientação no ambiente de trabalho, para que reconheçam a complexidade da profissão docente, que requer aprendizado constante para enfrentar os desafios inerentes à prática cotidiana, além de recorrer aos colegas mais experientes. Nóvoa (2006) aponta que a formação é algo que pertence ao próprio sujeito e se inscreve num processo de ser (nossas vidas e experiências, nosso passado) e num processo de ir sendo (nossos projetos, nossa ideia de futuro).

Os professores/as vão sendo formados nos mais diversos espaços em suas trajetórias de vida e, para que alcancem o objetivo de lecionar, é preciso que os docentes, sobretudo os que estão iniciando sua profissão, atuem em espaços dispostos a fortalecer os laços da docência. Esses professores precisam trilhar por caminhos que potencializem a escolha pela profissão, tanto quanto sua permanência nela. Nóvoa (2001) salienta que é inaceitável que uma pessoa que acabou de se formar fique encarregada das piores turmas, muitas vezes sem apoio nem acompanhamento. Quem está começando precisa, mais do que ninguém, de suporte metodológico, científico e profissional. Fontoura (2019) alerta sobre os professores iniciantes terem as turmas mais difíceis, o que pode ser um fator a contribuir na desistência da profissão, o que poderia ser evitado caso houvesse uma política de apoio ao docente em questão.

Ainda de acordo com Nóvoa (2006), se tivesse de escolher a fase mais decisiva da profissão docente, daria prioridade à dos anos iniciais da profissão, porque, infelizmente, não

se dá a atenção conveniente a esse período que define, positiva ou negativamente, grande parte da carreira.

Roldão (2007) e Tardif (2014) sinalizam que o saber dos docentes é social, porque é compartilhado por um grupo de pessoas: os professores que dispõem de uma formação comum, embora variável. Esse saber também é social porque é regido por um sistema que garante sua legitimidade, isto é, universidade, escola, Ministério da Educação, o que significa afirmar que o saber profissional é produzido por diversos grupos em negociação e nunca apenas pelo professor. Por fim, esse saber é também social, pois seus próprios objetos são sociais, ou seja, suas práticas sociais. O professor trabalha com sujeitos e em função de um plano: educar os alunos, transformá-los e instruí-los. É social, também, porque é adquirido no cenário de uma socialização profissional, na qual o professor vai sendo moldado, lapidado em função da fase da carreira, na qual o professor aprende o seu ofício exercendo-o.

Esse saber está a serviço do trabalho, porque é uma relação mediada pela prática docente e que lhe garante subsídios para enfrentar o cotidiano escolar que é construído através da experiência do trabalho. É um saber plural, porque envolve conhecimentos e um saber-fazer diverso proveniente de diversas fontes. É, também, temporal, porque é adquirido ao longo da história de vida e da carreira docente. Provém através da interação humana, na qual o professor se relaciona com o seu objeto de trabalho e é um saber que também decorre da formação vivenciada por estes/as professores/as.

Ainda de acordo com Tardif (2014), o saber dos docentes não é uma coleção de conteúdos intelectuais definidos de uma vez por todas, mas um processo em composição ao longo da carreira profissional na qual o professor aprende gradativamente o domínio do seu ambiente de trabalho, ao se inserir nele e o interiorizar por meio de normas de ação que consequentemente se tornam componentes de sua “consciência prática”.

Roldão (2007) corrobora com a problemática, quando nos faz pensar nos seus questionamentos: Quem é um professor? O que o distingue de outros atores sociais e de outros agentes profissionais? Qual a especificidade da sua ação, o que constitui a sua distinção? A própria autora afirma que o caracterizador distintivo do docente é a ação de ensinar.

Ao aprofundar no estudo do tema, destaco os apontamentos de Huberman (2000) sobre o desenvolvimento da profissão docente com ênfase no primeiro ciclo da carreira profissional docente.

A 1ª Fase (1-3 anos de carreira), fase da entrada na carreira, também denominada como o período de sobrevivência, descoberta e exploração, na qual acontece a inserção profissional docente dos professores iniciantes. O autor classifica essa fase como sobrevivência, descoberta e exploração. O processo de sobrevivência acontece em meio ao que o autor chama de “choque com o real”, quando o/a professor/a novato/a traz expectativas que nem sempre estão de acordo com a realidade da sala de aula em que se encontram. Nesse momento da carreira, destacam-se as tentativas dos professores iniciantes que, por consequência, transformam-se em descoberta através da exploração. O/a docente principiante está a explorar, porque tudo é novo para ele/a, por isso esse movimento de tentativa é realizado por meio do tateamento dos/as principiantes. Para o autor, segundo a literatura prática, as dimensões da sobrevivência e da descoberta são vividas em paralelo, sendo que as descobertas da profissão docente são o que sustenta e permitem muitas das vezes sobreviver à profissão.

METODOLOGIA

A metodologia, embasada em Josso (2010) e Passeggi (2016), foi pautada nas narrativas de três professores que estavam vivenciando a inserção e a socialização profissional docente e de duas professoras que estavam rememorando os processos de iniciação à docência que aconteceram há mais de 15 anos; utiliza as rodas de conversa como ponto de partida, considerando depoimentos e relatos sobre as experiências dos professores colaboradores. Todos os professores colaboradores assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido ao aceitarem participar da pesquisa apresentada. Trazemos a Professora Mariana, o Professor Renato, o Professor Aluan, a Professora Michele e a Professora Ana Lúcia³. Professora Mariana é professora de Ciências do Ensino Fundamental II, estava no segundo ano de docência na Educação Básica quando a pesquisa foi desenvolvida. O Professor Renato é professor de Geografia do Ensino Fundamental II, estava vivenciando seus primeiros meses como professor na Educação Básica quando a pesquisa aconteceu. O Professor Aluan é professor de História do Ensino Fundamental II. Quando a pesquisa foi desenvolvida, estava no seu primeiro ano de docência na Educação Básica. Os três professores foram aprovados no último concurso para a Educação no município em 2018.

A Professora Michele é professora do Ensino Fundamental I. Está há mais de 20 anos na carreira docente e partilhou conosco as memórias do período de iniciação à docência que aconteceu na rede particular de São Gonçalo/RJ. A Professora Ana Lúcia é professora do

³ Todos os participantes autorizaram o uso de seu nome real.

Ensino Fundamental I. Está há mais de 15 anos exercendo a profissão docente e também compartilhou conosco algumas experiências da inserção e socialização profissional docente que teve como cenário em seu primeiro ano como professora, outra escola do município e posteriormente a escola na qual a pesquisa foi desenvolvida.

Segundo Fontoura (2011), os dados não falam por si em pesquisa qualitativa, portanto é necessário problematizar o que encontramos criando um diálogo entre os achados e a teoria. A tematização é constituída por sete passos, a saber: 1- a transcrição de todo o material coletado; 2- a leitura cuidadosa para conhecimento do material; 3- demarcação do que será considerado importante; 4- levantamento dos temas; 5- definição das unidades de contexto; 6- esclarecimento do tratamento de dados, a partir da separação das unidades de contexto do corpus; 7- interpretação propriamente dita, à luz dos referenciais teóricos.

Alguns dos temas destacados foram recorrentes nas narrativas de todos os professores: a escolha pela profissão docente; o choque de realidade; a expectativa do que é ser professor; a acolhida e suporte da equipe escolar, dos alunos e dos pais; as experiências. As experiências compartilhadas se entrelaçavam com o que a literatura do tema revela.

Ainda sobre a metodologia escolhida para desenvolver a pesquisa com os professores, enquanto iniciantes, Passeggi (2016) ressalta que a narrativa é um fenômeno e uma abordagem de investigação e formação, pois parte das experiências e dos fenômenos humanos advindos das mesmas, portanto uma metodologia produtiva de descobertas de si e da profissão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao abrir a primeira roda de conversas os professores contaram da formação, da história de vida que perpassava os caminhos formativos, da atuação pedagógica e do papel que exercem enquanto sujeitos do conhecimento. Refletiram sobre os percursos que os fizeram escolher a profissão docente, já que dois dos três professores eram formados em outras áreas do conhecimento e um deles já exercia a profissão há um tempo. Ao refletir sobre a trajetória e os movimentos que os fizeram escolher a profissão docente, destacamos as seguintes narrativas:

Minha licenciatura em Geografia é uma segunda licenciatura. Tive uma mãe que foi professora de Letras Português e uma professora que não gostou da experiência de sala de aula e ela sempre foi uma pessoa que não motivou a ocupar este espaço de sala de aula, sempre falou muito mal disso. Então resolvi fazer licenciatura em Geografia pra dar coerência à minha trajetória acadêmica e também pra ocupar espaço de sala de aula na Educação Básica, porque eu já tive experiência em ensino superior, só que eu tinha vontade de dar aula na educação básica e eu não podia dar aula porque eu não era licenciado. E eu acho que existe uma disputa mesmo que precisa ser feita no campo da educação, uma disputa ideológica de projeto de sociedade e essa disputa vai se dar dentro

de sala de aula, eu tenho bastante clareza da minha tarefa como professor da educação básica. (Professor Renato)

Minha mãe também era professora, do primeiro segmento e ao contrário ela me incentivou muito. Ela gostava muito de dar aula e ela tinha muito prazer e enchia a boca pra falar que era professora. Ela nunca disse seja professora, mas quando eu encasquei com essa ideia, ela me apoiou bastante. Estou construindo agora a minha meta, o meu objetivo de estar aqui. Fiz bacharelado em genética, fiz mestrado em genética, mas no fundo sabia que eu queria fazer licenciatura, eu sempre soube. Embora eu não tivesse muita consciência do meu papel, da minha função, que eu tô criando assim agora, era o meu desejo, é onde eu me encontrei. Quando eu fiz a licenciatura eu fui para o estágio no Pedro II, eu falei: cara é isso que eu quero na vida. Estou gostando desse espaço assim que eu posso falar das minhas fragilidades porque é o início e eu não tenho muita vergonha de ser ruim. Eu sei que eu não sou uma professora boa, tô aprendendo muito. De um ano pra cá eu mudei totalmente, mas eu me sinto mais à vontade em falar os defeitos. (Professora Mariana)

Comigo a questão de ser professor, foi uma decisão que demorou um bom tempo pra amadurecer na minha cabeça. Eu não me via como professor, não percebia uma capacidade de trabalhar com jovens, de articular o que eu tinha aprendido através de uma linguagem, de uma dinâmica com jovens, né? Eu não enxergava essa capacidade, eu achava que não ia dar certo, que eu não ia ser um bom professor. Uma questão de insegurança assim eu tinha. Depois que eu terminei a faculdade e passaram-se alguns anos tive muitas experiências e muitas reflexões também, muitos conselhos e aí eu comecei a amadurecer isso na minha cabeça. Lembro de uma conversa que tive com um amigo muito próximo meu, me fez refletir muito sobre isso. Ele me falou assim: você é um cara que tem tanto conhecimento, tanta coisa pra oferecer, tanta coisa pra compartilhar, que talvez você pode contribuir tanto com a vida de várias pessoas, vários jovens e você vai deixar isso contigo, preso aí dentro, guardado? Não vai compartilhar em nada? Amanhã ou depois quando você partir isso vai tudo com você, qual o sentido disso? (Professor Aluan)

Percebo que eu não seria a pessoa que eu sou sem estar atuando na educação. Essa parte aí de professor! Estudei no Madre Iluminata, me apaixonei pela professora Elizabete, me apaixonei por ela, até hoje assim. A parte assim que mais me fez ser professora foram as aulas dela! Gente! Eu achava um sabor, ela falava. Quando ela falava dava vontade de ouvir. Elizabete! Então assim, eu quis ser professora por causa dela, então sempre vai ter um aluno que vai se inspirar em você! Sempre tem, gente! (Professora Michele)

Eu tenho uma professora na família, a minha tia mais velha é professora de Português e de Literatura e desde muito cedo eu convivi com a rotina dela. Acho que duas ou três vezes por semana e aí nos finais de semana que ela tinha tempo de planejar as aulas, de corrigir prova, de preparar diários, essas coisas todas e desde então eu gostava muito de ficar do lado dela, ver a rotina, ver o que ela fazia, corrigir as provas. Ela por ser a tia mais velha sempre foi o espelho. A influência dela foi primordial. Na época que sai do ginásio fui direto para formação de professores, não tive muita dúvida, mas na época de escolher a universidade, de preencher aquelas fichas todas eu fiquei meio perdida. Eu achava que não queria continuar na profissão, mas não sabia muito bem pra onde ir. (Professora Ana Lúcia)

Percebemos nas narrativas dos professores colaboradores o processo de escolha pela profissão docente. Observamos que na maioria dos relatos essa escolha foi incentivada por alguém da família que também era professora, por um amigo e por uma professora de infância. Ressalta-se também a dicotomia teoria x prática, o exercício da docência na Educação Básica e a construção do papel professor/a.

Destaca-se a importância da disciplina de estágio para a formação docente, que estreita os laços entre Universidade e Escola Básica, encontro que se faz cada vez mais necessário para a educação que queremos, com professores atentos às suas práticas. Acentuamos a importância de uma formação de professores que possibilite a articulação entre teoria e prática, entendendo que o educador também constrói teoria por meio de suas ações pedagógicas diárias.

Fontoura (2007) destaca que é preciso verificar possíveis relações entre teoria e prática, vivenciar situações cotidianas em um ambiente escolar, trabalhar os aspectos instrumentais da docência, ressignificando seus potenciais, trabalhar a relação ensino-aprendizagem, enfim, trabalhar a prática do ofício de professor na escola e na sala de aula, contando com a ajuda de pares, utilizando materiais próprios do trabalho docente, consolidando crenças e valores pedagógicos próprios de sua experiência. Fontoura (2011) destaca ainda que se faz necessária uma formação que proponha mobilizar e significar a prática docente, portanto, é imprescindível repensar a formação para o magistério, levando em consideração a relação entre teoria e prática, entre os saberes da universidade e as realidades dos alunos.

Na segunda roda de conversa dialogamos sobre as expectativas do que é ser professor/a e o que de fato acontece na realidade cotidiana da escola, sobre idealização de escola, de alunos e sobre as transformações que viveram a partir das experiências e reflexões sobre as práticas. Salientaram que, apesar dos desafios impostos pela profissão e por essa fase de início da docência e inserção profissional, buscaram estratégias para “tocar o barco”.

Pra entender precisa de disciplina, pra aprender a estudar você precisa ter disciplina. Então não é na bagunça que vão aprender! Agora, é claro existem várias formas de você chegar a disciplina né? Formas autoritárias e não autoritárias. Eu tento alcançar a disciplina de formas não autoritárias, o que é bastante difícil. Mas eu tento um pouco que eles tenham essa disciplina mesmo de conseguir copiar alguma coisa do quadro. Então essas coisas eu tô aprendendo. Tô há muito pouco tempo dando aula, não completou três meses ainda. (Professor Renato)

Eu cheguei lá também com essa ilusão de que era uma cidadezinha do interior, tudo mais calmo, mas assim meses depois estava com calo nas cordas vocais, já estava chorando todos os dias quando saía da escola, já estava desesperada. Eu não tinha o menor controle de turma. Eu lembro da sensação que eu cheguei e queria ser uma professora diferente, esse negócio dessa doutrinação que a gente faz com os corpos não dá. Quer sentar senta, quer ficar em pé fica, quer falar vamos falar junto. Aí você chega lá e vê que não é assim que funciona. (Professora Mariana)

A gente tem que encontrar um equilíbrio, porque muitas vezes a realidade não corresponde à expectativa. Percebi que eu não posso colocar expectativa demais porque eu posso acabar me frustrando. Não tem receita de bolo e estar na sala de aula nesses meses tem sido sempre uma surpresa a cada semana. Não sei se isso é muito dos professores novos e depois quando vai envelhecendo essa expectativa vai caindo, essa expectativa de ser um bom professor, né? (Professor Aluan)

Quando eu iniciei eu queria que meu aluno soubesse não importasse como e naquela época infelizmente, em 1997, eu tenho certeza que assim, a maioria aprendeu mecanicamente. Hoje pra mim o que vale é aprender significativamente, que é o aprendizado que vai pra vida toda. Meu primeiro ano foi péssimo. Porque eu não sou o que sou hoje! Eu não me reconheço, aquela não era eu, mas eu tinha 17 anos de idade, né? Então é isso, hoje em dia assim é aquilo: a palavra é evolução, você evolui o tempo todo, cada ano você melhora mais! (Professora Michele)

Eu achava naquela época quando eu comecei que eu tinha que mandar as crianças prontas, como se elas... Ah concluiu a alfabetização tá pronto, tá fechado, tá no quadradinho pra poder receber o novo nível de conhecimento de segundo ano. O conhecimento era meio estanque, né? Hoje não! Hoje eu consigo entender essa questão da construção do conhecimento, Eu acho que foi esse movimento de 2004 prá agora vem mesmo com a maturidade, de não achar que ah eu vou conseguir em um ano oferecer tudo que o meu aluno precisa pro ano seguinte. (Professora Ana Lúcia)

De acordo com Huberman (2000) e Tardif (2014), o choque de realidade que se entrelaça com a idealização de escola e de alunos comumente acontece. Sobre a temática, destacamos que para todos os professores participantes da pesquisa foi uma questão que precisaram contornar. Uma das professoras ingressou na docência ainda aos 17 anos de idade, fato que a fez se deparar com situações conflitantes e de desdobramentos da profissão. E mesmo os outros quatro professores tendo ingressado com mais experiência cronológica, tais idealizações se fizeram presentes nesse ciclo.

Conforme destaca Fontoura (2019), a construção da identidade profissional docente acontece na confluência de momentos de prática e de teoria, em que o professor, sujeito de sua formação, produz saberes superando dicotomias e fragmentações tão características de nossos processos educacionais.

De acordo com Tardif (2014), a fase de crítica e distanciamento dos conhecimentos acadêmicos provoca reajuste nas expectativas e percepções. Temos um ‘professor ideal’ dentro de nós e o ‘choque de realidade força a questionar essa visão. Os professores/as salientam que apesar dos desafios da primeira fase do magistério, buscavam alternativas para prosseguir na profissão. Alguns destes caminhos se abriram por meio das experiências vividas pelos professores que causaram deslocamentos e se transformaram para poder transformar suas práticas pedagógicas de acordo com o que o momento exige, o que requer atenção, sensibilidade e dedicação. Para Josso (2009), a experiência é produzida por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida.

Na terceira roda de conversa falamos da construção de relação com a escola, com os alunos e com outros sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

É muito importante pra mim, porque eu dependo deles, sabe? Então eu tô o tempo todo recorrendo a eles no dia a dia, mas aqui são os que mais me atendem, me explicam, são

pacientes comigo. É isso, eu preciso de paciência, que tenham paciência comigo, justamente porque eu tô começando, então eu tô toda hora tirando dúvida. São essas pessoas que me fazem continuar dando aula, sabe? Eu trabalhei em outro município em duas escolas e a diretora de uma das escolas virou minha mãe assim, melhor amiga, eu dormia na casa dela, ela me deu suporte. Então assim, lá foi diretora, aqui são aquelas pessoas que estão abertas a te acolher pra você deixar sair suas fraquezas. Se não fosse essa diretora do passado com certeza eu teria desistido. (Professora Mariana)

Fui e sou muito testado pelos alunos o tempo todo. Quando eu cheguei, eu peguei duas turmas de um professor substituto e peguei uma turma de um professor da casa de muitos anos, então a gente conversou, ele foi me apresentar pra turma, me fez essa passagem de bastão, foi muito legal. E aí o resto a gente conversa na sala dos professores, conversa no Conselho de Classe e tem um grupo de professores que vai ficando mais amigos assim. Relação é tudo o que esse momento histórico não quer, relações que não sejam utilitaristas. Um ambiente escolar saudável, de construção de outras relações solidárias, de cuidar. (Professor Renato)

Na verdade, eu acho que meu trabalho também em grande medida foi positivo esse ano justamente por essa cooperação que eu encontrei aqui na escola, principalmente na questão da parte pedagógica, da orientação da escola. Foi importante pra mim o apoio da coordenação também na questão mais burocrática, porque parece uma coisa óbvia a gente já ter certa experiência, mas algumas coisas eu simplesmente não tinha ideia mesmo, questões de diário, algumas questões do funcionamento da escola, desse dia a dia que são coisas que você pega mesmo na prática. (Professor Aluan)

A função do professor em sala de aula era tradicionalista, você tinha que só dar conteúdo, conteúdo, conteúdo. Eu me limitava a dar a matéria e pronto conforme foram passando os anos eu mesma fui vendo que o professor, o papel do professor está muito além daquele de só ensinar. Como eu comecei numa escola pequena não tinha coordenadora pedagógica então você planejava, então assim é tudo você e você, então não tinha assim relações pra você estabelecer, era você que botava o barco pra ir à deriva. Tá entendendo? Então assim, as relações que eram estabelecidas eram as relações com os alunos mesmos, você criava vínculo com os alunos, você tava ali, você dava o máximo de si pelos alunos. (Professora Michele)

Meu primeiro ano de trabalho eu me deparei com crianças que estavam já no segundo ano e não alfabetizados. Então a discrepância do que eu esperava encontrar na sala de aula pro que eu encontrei foi muito grande, né? Mas eu já tinha uma vivência pessoal, enquanto indivíduo eu já tinha uma vivência, então assim apesar do susto eu acho que não fiquei tão é... tão desnorreada pra lhe dar com aquilo, porque eu pensei assim: não adianta eu querer tratá-los como um segundo ano se eles não sabem ler, e aí o que que fazia? Voltava! Voltei pro conteúdo de alfabetização. A direção reclamava um pouco, os pais também reclamavam porque achavam porque parecia que tava voltando pra trás. Mas na verdade não tava voltando atrás, eu tava caminhando no passo do que eles conseguiam me acompanhar! (Professora Ana Lúcia)

Sobre a construção das relações, principalmente com os alunos, os professores parceiros da pesquisa consideram ser esse um dos processos mais importantes para que aconteça o desenvolvimento educacional. Os colaboradores relataram que, para além do conteúdo, é necessário e urgente estabelecer, com os alunos, relações que demandem atender às suas necessidades, que por vezes estão além do conteúdo programático. O ponto primordial para uma boa relação entre professor e aluno sem dúvida é o diálogo e também o respeito, que deve ser mútuo. É uma relação que ultrapassa a função de ensinar, é uma relação de

confiança, de amizade. Sem interação humana não acontece a aprendizagem. Destacamos a acolhida, o apoio e o acompanhamento que os três professores que estão vivendo este primeiro estágio da profissão docente receberam da equipe escolar.

Uma das professoras que relembrou o início na profissão docente destacou que, naquela época, a única relação estabelecida era com os alunos e mesmo assim uma relação hierarquizada; professora como detentora do saber e que estava naquele ambiente apenas para transferir o conteúdo e cumprir o planejamento. Outra professora que está recordando seu processo de inserção docente conta que no primeiro ano foi preciso criar um laço de confiança com seus alunos, concebendo, assim, uma relação de colaboração entre eles.

Sobre o processo de socialização profissional docente, Tardif (2014) ressalta que se remete ao confronto inicial com a dura e complexa realidade do exercício da profissão, à desilusão e ao desencanto dos primeiros tempos e, de maneira geral, à transição da vida de estudante para a vida mais exigente de trabalho. Constata-se que, para os/as professores/as, é de suma importância a acolhida para o exercício da docência e para o processo de socialização profissional já que este caracteriza-se também pela interiorização das normas de funcionamento da escola e de hierarquização da mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao narrar suas experiências, os professores colabores puderam revisitar seus percursos formativos e atuação pedagógica, perceber as transformações que vivenciaram buscando potencializar uma educação problematizadora para a construção de cidadãos críticos e reflexivos.

As narrativas dos professores quando iniciantes demonstraram que a fase inicial da carreira foi como um ensaio que permitiu exercer o ofício docente; assim, a pesquisa mostrou que a etapa inicial da profissão docente é tentativa e erro, mas também tentativa e acerto. E por isso mesmo é fundamental que a inserção e a socialização profissional docente aconteça de forma a favorecer tal processo de construção da profissão. Reafirmamos, com Costa e Fontoura (2015), que o início da docência não significa apenas um momento de aprendizagem do ofício de ensinar, mas também um importante momento de socialização profissional, da inserção na cultura escolar, da interiorização das normas, valores institucionais.

Buscamos apreender o que transpassa o processo de formação e como este reflete nos processos de inserção e socialização profissional docente durante a primeira fase do magistério. Destacamos a necessidade da acolhida e parceria por parte da equipe gestora e dos pares. Foi observado que a primeira fase da carreira docente é marcada por dificuldades, mas também pode se revelar uma possibilidade de criação, de fazeres outros na profissão, com o

desejo de colocar em prática uma educação emancipatória, democrática, humanizada e transformadora. Pensar e agir para uma educação que rompa os limites dos muros da escola e que assim seja possível construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Sabe-se que existem inúmeras pesquisas no nosso país envolvendo o campo da educação e seus desdobramentos, assim como a formação de professores, mas cabe acentuar que os professores em início de carreira continuam a se formar no ambiente escolar, portanto revelando-se um importante tema a ser considerado, além de ser imprescindível entrelaçar a formação e a prática docente no início da profissão.

Espera-se que este estudo possa colaborar com as reflexões sobre a relevância das narrativas e suas experiências, entrelaçando a formação e a prática docente. Além disso, a pesquisa busca desvelar a importância do suporte aos professores iniciantes, tanto no campo de quem pensa as políticas públicas (macropolíticas) quanto no campo de quem as colocam em prática na escola, como a equipe gestora e os professores (micropolíticas).

Foi possível contribuir para a reflexão dos professores colaboradores sobre seus processos de inserção e socialização profissional docente. Este estudo potencializou os processos autoformativos dos envolvidos sendo possível produzir implicações que fortaleceram o desenvolvimento pessoal e profissional, assim como perceber a consciência do papel que os professores desempenham na escola, agentes de transformação.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), pelo apoio e incentivo à pesquisa, pela bolsa de Mestrado concedida.

À querida Professora Helena Amaral da Fontoura, minha Orientadora, que acreditou em mim e no meu trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Professores iniciantes: egressos de programas de iniciação à docência. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2018, vol.23, e230095. Epub 03-Dez-2018. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782018230095>. Acesso em 15 de set. de 2020.

COSTA, LL, FONTOURA HA. Residência pedagógica: criando caminhos para o desenvolvimento profissional docente. *Revista @ambienteeducação*. Universidade Cidade de São Paulo. Vol. 9, nº2. Jul/dez, 2015. p. 161-177. Disponível em: <http://publicacoes.unid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/523/496>. Acesso em: 01 mar. 2021.

FONTOURA, Helena Amaral. Meu nome é professor/a: sobre aprender a docência e identidades. *R. Educ. Públ.* Cuiabá, v. 28, n. 68, p. 297-310, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/8391>. Acesso em 03 fev. 2021.

FONTOURA, Helena Amaral. Iniciação à docência: espaço fecundo de formação de professores. In: FONTOURA, H. A. (Org.) **Diálogos em formação de professores: pesquisas e práticas**. Niterói: Intertexto, 2007. p. 47-56.

FONTOURA, Helena Amaral. Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. In: FONTOURA, H. A. (Org.) **Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa**. Niterói: Intertexto, 2011, p. 61-82.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000. p.31-61.

JOSSO, Marie Christine Josso. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão científica Maria da Conceição Passeggi, Marie Christine Josso – 2.ed. re. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010 (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos da Histórias de Vida).

JOSSO, Marie-Christine. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. *Revista @ambienteeducação*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 136-199, ago./dez. 2009. Disponível em: http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_educacao/pdf/volume_2_2/11_josso.pdf. Acesso em: 07 nov. 2020.

NÓVOA Antônio. Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo. **Nada substitui o bom professor**. Palestra proferida no Sindicato dos Professores de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf. Acesso em: 01 fev. 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. *Rev. Roteiro*, Joaçaba, v.41, n.1, p. 67-86, jan/abr. 2016. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267>. Acesso em 06 fev. 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ROLDÃO, Maria do Céu. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. *Revista Brasileira de Educação*. v. 12, n.34, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a08v1234.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2021.